

BRASIL VIOLENTO

Paulo Timm . Especial Reporter Independente, BSB

Polícia barbarizou na Maré, matou uma criança, fechou a Linha Vermelha, a Linha Amarela e a Avenida Brasil - tudo isso porque "boatos" (depois desmentidos) circulavam sobre a existência de policiais sequestrados no interior do Complexo. Quanta violência e quanta incompetência!

Angelina Peralva . FB, acesso a 06.02.2018

· “Assim como a violência não pode ser definida pela política, mas exatamente o inverso, já que a violência é logicamente anterior, tampouco a política pode ser definida pelo poder. Para que o poder não resulte reificado e misterioso, é a partir da política que podemos compreendê-lo. O poder é a distribuição das possibilidades concretas do exercício da política. Isto é, a distribuição das possibilidades concretas, na sociedade, de fazer transitar práticas sociais qualitativamente determinadas.”

(GENRO FILHO, Adelmo **in Violência, política, poder e Estado: reflexões preliminares**)

<http://www.adelmo.com.br/bibt/t077.htm>

A cada duas horas uma pessoa foi baleada , em 2017, no Rio de Janeiro, outrora Cidade Maravilhosa. Clima de guerra civil que se reflete como caixa de ressonância sobre todo o país. Morrem civis – até um bebê foi baleado ainda no ventre, morrem traficantes, morrem policiais. Em 2017, 134 policiais morreram nas ruas do Rio na luta contra o tráfico. Gente simples, moradora dos mesmos bairros das vitimas inocentes e dos meliantes, oriunda do povo, com salários indignos à função que ocupam, mal treinados, mal aparelhados, malsinados. E nestas primeiras semanas já tombou o 14º do ano. Nem Chicago nos anos de Al Capone ! Muitos dizem: Aqui é a Síria!

*Não está fácil a vida no Rio : 640 tiroteios no primeiro mês de 2018 ! No final de semana, um bloco carnavalesco que desfilava em uma das ruas do bairro da Tijuca se viu no meio de um tiroteio entre a polícia e os traficantes e mais de **300 tiros** foram disparados, com os foliões e moradores em desespero ! No final, um “milagre” bem brasileiro : apenas um morto, um pobre e jovem garçon que trabalhava em um bar para conseguir uns trocados a mais para fechar o mês...*

E não é apenas o Rio. O mal se espalha como uma epidemia incontrollável, principalmente nas grandes metrópoles do sul-sudeste e nordeste. Com efeito, o [Atlas da Violência](#) de 2017, elaborado pelo Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrou que o Brasil tem um dos mais altos índices de mortes violentas. Foram [59.080 mortes no país em 2015](#), um número 2,3% menor do que em 2014 e 22,7% acima do registrado em 2005. Isso torna o Brasil um dos países mais violentos do mundo, com taxa de homicídio de 28,9 por 100 mil habitantes. Há cidades com índice de 60 por 100 mil.

Taxa de assassinatos nas capitais por 100 mil habitantes

Natal - 78,4
Fortaleza - 63,7
São Luís - 60,9
João Pessoa - 59,4
Aracaju - 56,3
Belém - 53,6
Manaus - 52,8
Maceió - 51,3
Salvador - 49,4
Porto Alegre - 46,2
Cuiabá - 42,9
Teresina - 42,5
Goiânia - 41,0
Palmas - 36,3
Recife - 35,3
Macapá - 33,1
Rio Branco - 32,9
Porto Velho - 32,8
Curitiba - 26,0
Belo Horizonte - 24,9
Brasília - 23,4
Vitória - 21,6
Rio de Janeiro - 19,4
Boa Vista - 18,4
Campo Grande - 16,3
Florianópolis - 12,3
São Paulo - 9,9

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (dados de 2015)

Mas esta violência não se esgota no vórtice de homicídios. Ela se redistribui em crimes de agressões físicas, intolerância racial, homofobia e crimes virtuais nas redes sociais. Pesquisa da Safernet Brasil informa o número assombroso de crimes de ódio na Internet, predominando racismo. Mais de 63.000 denúncias - <http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/videos/v/crimes-virtuais-63-de-denuncias-sao-relacionadas-a-discursos-de-odio/6479331/> . A violência está no ar...

Você sabe o que é violência?

A Organização Mundial da Saúde define violência como:

...o uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Essa definição considera as diferentes formas de violência que não acarretam, necessariamente, em lesão ou morte, ou seja, diz respeito também às situações de desigualdade e discriminação que ocorrem dentro da família, nos sistemas de saúde, nas escolas, nos ambientes de trabalho e nas comunidades em que se vive.

Além disso, essa definição associa a intenção de se cometer um ato violento às relações e práticas de poder incluindo, portanto, as ameaças, intimidações, negligências e todos os tipos de abuso — físico, sexual e psicológico.

[Renato Knijnik – Médico, POA RS – Facebook – Acesso a](#) 2 de fevereiro às 16:42 ·

Violência, portanto, não são apenas atentados, pela força física pessoal ou das armas, que não são senão prolongamentos do corpo, à integridade física, mas um complexo uso da intimidação por pessoas, comunidades e o próprio Estado sobre estes agentes.

*Por isso dizemos que a força em si não é violência, e sim apenas a força **usada** pelo homem. Daí o caráter exclusivamente humano da violência*

(Adolfo Sanchez Vasquez in *Filosofia da Práxis*. 2a. ed. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, pág. 375, apud Adelmo Genro cit.)

Ela está na origem da civilização, como a marca de Caim. Platão debruçou-se também sobre o homo pugnax.

Todo discurso psicológico descansa sobre, y al mismo tiempo promueve, una cierta antropología (Blanco, 2002). El homo pugnax (Barnett, 1988) es tal vez uno de los núcleos antropológicos más influyentes en la esfera de la cultura psicológica contemporánea. La idea de que la naturaleza humana descansa en un impulso egoísta ligado a la preservación de los intereses individuales o colectivos (el gen egoísta, la mentira como matriz de la psicologización, y así sucesivamente) tiene una larga historia en la cultura occidental, desde la Grecia clásica hasta la Filosofía de la Historia y la Antropología kantianas. Pero el verdadero impulso a esta figura antropológica del homo pugnax lo ejerce el advenimiento a mediados del siglo XIX de la teoría de la evolución y del cluster teórico asociado al desarrollo del liberalismo económico (evolucionismo social, demografía, sociologías evolucionistas, psicologías, etc.). Las psicologías

evolucionistas o de la adaptación funcionan como el motor de la traducción de esta imagen del hombre al dominio de la subjetividad. Las funciones psicológicas empiezan a ser concebidas bajo el telón de fondo de la alegoría del struggle for life. Desde entonces, mostrar o demostrar que una función psicológica tiene valor adaptativo (a veces de manera más bien oscura) se ha convertido en el visado que permite franquear la frontera del discurso científico oficial.

Por [Rubén Gómez-Soriano](#), [Florentino Blanco Trejo](#)
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=792886>

É precisamente este entendimento do homem como lobo de homem que instrui a Teoria do Estado Moderno, desde T. Hobbes, propondo a transferência do uso da violência para uma entidade metafísica, o Estado, capaz de usá-la coercitivamente como braço armado da Lei em benefício da paz social capaz de promover o progresso, em nome da civilização. Urge, pois, compreender melhor, no Brasil, a estreita relação entre violência, Poder e Política, de forma a situá-la onde deve estar: no coração das práticas sociais.

Pode-se dizer, grosso modo, que existem duas grandes tendências no pensamento teórico contemporâneo com relação ao tratamento dispensado para a violência, a política e o poder. De um lado, diversos marxismos formando um pólo que pensa tais conceitos como realidades históricas empíricas, vinculadas intimamente às sociedades de classes e, portanto, passíveis de serem superados ou extintos numa futura sociedade igualitária. De outro, aqueles que atribuem a tais conceitos uma dimensão supra-histórica, isto é, uma existência persistente desde os primórdios da organização social (como entre os esquimós, os bosquímanos e os pigmeus, que se estruturam em bandos), até os últimos homens que pisarem a face deste planeta.

(GENRO FILHO, Adelmo **in Violência, política, poder e Estado: reflexões preliminares**)

<http://www.adelmo.com.br/bibt/t077.htm>

De certa maneira, portanto, a violência não é estranha à nossa espécie e pode até comprometê-la num holocausto nuclear, mas é por isso mesmo que ela é colocada sob a redoma do Estado, responsável maior por um equilíbrio social sempre imperfeito e muito relativo. O próprio Estado, porém, seja pela sua natureza de classe, seja por seu arcabouço próprio de Poder, acaba se transformando numa poderosa fonte de violências. Dois marcos deste processo foram o Estado nazifacista, sob o império de Hitler, e o Estado socialista real, sob o comando de Stalin,

ambos inspiradores das maiores distopias que irromperam no século XX, como “1984”. Mas nem só de totalitarismos emana a violência. Em 1971 Stanley Kubrick chocou o mundo com seu filme “Laranja Mecânica”, uma saga de jovens rebeldes sem causa, oriundos da classe trabalhadora britânica, mais complexa do que a “Juventude Transviada” dos anos 50 nos Estados Unidos, que acabam vitimados nas mãos de um Estado repressor. O impacto deste filme, com cenas de barbarismo gratuito foi de tal ordem que o próprio Diretor, ameaçado, pediu ao Studio que suspendesse sua exibição, o que ocorreu por duas décadas. Curiosamente, dando uma ideia da mudança comportamental dos tempos mais recentes, o ator principal, Malcolm McDowell, no papel de Alex, chefe da gang, reviu o filme na companhia de jovens ingleses, os quais, em vez de se perturbarem com as cenas de violência do filme, puseram-se a rir, tomando-as como comédia. Ou seja, a violência vem crescendo e se banalizando em todo o mundo e não só no Brasil, embora os números, aqui, sobressaiam.

Diante desta catástrofe nacional da violência galopante, o próprio Ministro da Defesa, Raul Jungmann, afirma, como se vítima fosse e não uma autoridade responsável, que “esse sistema está falido e o que nós estamos vivendo hoje é o efeito não apenas da falência desse sistema, do desenho do sistema, mas outros motivos mais”. Não aponta soluções, só vagas intenções de maior controle, não incrimina responsável. Enquanto isso, especialistas discutem o problema em inúmeros fóruns, encontros governamentais e debates na Mídia. Foi tema, por exemplo, do Globonews Painel do dia 04 último, que reuniu Samira Bueno, Diretora do Fórum de Segurança Pública, Leandro Piquet Carneiro, pesquisador do Nupps/USP e o General Carlos Santos Cruz, secretário Nacional de Segurança do Ministério da Justiça.

- <https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6474561/>

A conclusão unânime dos participantes é de que a ferida da violência é muito profunda e, se a miséria, que grassa nos grandes centros metropolitanos do país, que abriga 85% da população global do país e a maior parte de sua pobreza urbana, marcada pela existência de 100 milhões de brasileiros que ganham até um salário mínimo, não é causa da violência, ela é o lugar onde ela viceja.. A ferida tampouco é localizada aqui e acolá. Ela é sistêmica e corresponde à série de falhas no sistema jurídico, sobretudo no tocante ao cumprimento da Lei de Execuções Penais, na legislação, alegadamente leniente quanto ao abrandamento das penas, no sistema de segurança, dividido entre Polícia Judiciária Civil e forças militares de contenção e no sistema de gestão dos presídios, hoje entregues ao controle do crime organizado armado. E é, principalmente, Política, no sentido de não existir uma Política Nacional de Segurança Pública articulando os níveis federal, estadual e municipal com vistas

à uma ação comum, sujeita à permanente avaliação de seus procedimentos e efeitos. O resultado é este: O caos.

Este caos se reflete no medo crescente da população das grandes cidades que adminte ter medo de sair à rua, momento à noite. No Rio este medo leva à vontade de abandonar a cidade : “Mais da metade dos cariocas quer deixar o Rio.”

<http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O1965335-EI316,00-Mais+da+metade+dos+cariocas+quer+deixar+o+Rio.html>

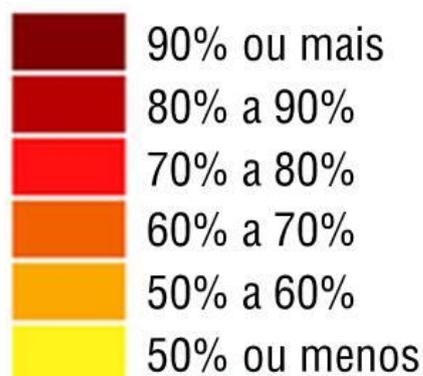
Pior do que o medo individual é o medo coletivo que emerge diante da percepção da população de que a ordem está em colapso e daí namora com personalidades e regimes autoritários como último refúgio. Dele decorrem as tendências em busca de saídas autoritárias e salvacionistas para a vida pública no país, como assinala esta matéria da Agência O Globo: *Pesquisa aponta que medo do crime ampara saída salvacionista no Brasil* -

<http://m.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1924785-pesquisa-aponta-que-medo-do-crime-ampara-saida-salvacionista-no-brasil.shtml>

A violência dos tiroteios em via pública e homicídios em massa não se esgota, portanto, em si mesma. Ela repercute politicamente alimentando o pessimismo dos brasileiros quanto às instituições públicas e estimulando a procura de saídas autoritárias.

Violência política - Definição, conceito, significado, o que é
<https://edukavita.blogspot.com.br/2012/10/violencia-politica.html>

Você acha que seu país é governado por grupos poderosos para o benefício deles mesmos?



MAIOR:  **97% concordam**

Fonte: Latinobarometro 2017

A maior vítima da violência será, pois, a própria e frágil democracia que conquistamos. Aí, sim, quando - e se - mergulharmos de novo num regime de arbítrio desenfreado, choraremos o grande assassinato: o das liberdades públicas. Quando isso ocorre a violência alcança sua máxima perversão na forma de opressão e crueldade, da qual nunca saímos ilesos.

ANEXO

RIO DE JANEIRO

Coletânea – fev 16 2018

Paulo Timm

INTERVENÇÃO NO RIO

Minha impressão sobre INTERVENÇÃO MILITAR no RJ: Improvisação. De alto risco ao envolver , cada vez mais, as FFAA na questão do tráfico. O que o Brasil precisa é uma Política Nacional de Segurança Pública através da unificação das Polícias e clara definição de responsabilidades nos n'veis federal, estado e município. Com a atual crise de segurança não há o menor sentido de forças policiais serem mobilizadas para cuidar de assuntos de trânsito, que deveriam ser transferidos, urgentemente aos municípios. O que o RJ, em especial, precisa, é de uma profunda reforma em todo o seu sistema policial.

Como não emplacou a Reforma da Previdência o Governo Temer , agora, tenta um último recurso como tentativa de legado: Ministério da Segurança Pública. Com uma vantagem: dito Ministério só vai cuidar da "bandagem"; os criminosos do colarinho branco, ligados à corrupção e aos crimes financeiros continuarão ao abrigo do Ministério da Justiça. Segundo o Ministro Marum, para quem os órgãos de segurança se desvirtuaram ao cuidar prioritariamente da corrupção e não "dos bandidos" (sic...), as coisas agora ficam no devido lugar....Tal discurso ficou reiterado no pronunciamento do Presidente Temer à Nação no qual insiste no fato de que a intervenção se fez imperativa em decorrência das metástases do CRIME ORGANIZADO sobre todo o território nacional, numa clara redução conceitual destes crimes ao tráfico.

Crime organizado

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Crime organizado ou **organização criminosa** são termos que caracterizam grupos transnacionais, nacionais ou locais altamente centralizados e geridos por *criminosos*, que pretendem se envolver em atividades ilegais, geralmente com o objetivo de *lucro monetário*. Algumas organizações criminosas, tais como *organizações terroristas*, são motivadas politicamente. Às vezes, essas organizações forçam as pessoas a estabelecer negócios com elas, como quando uma *quadrilha extorque* dinheiro de comerciantes por "proteção".^[1]

Francisco das Chagas Leite Filho

2

<https://www.youtube.com/watch?v=aA5Y9i31UKo>

Jogada de Michel Temer, aproveitando o vácuo na direita, órfã do apresentador Luciano Huck, e a espetacularização em torno da nova intervenção militar no Rio de Janeiro, o presidente impopular bota o seu bonde na eleição presidencial de 2018. Não importa que só tenha 3% de apoio. Com o respaldo da mídia, ele acha que supera qualquer obstáculo. Servilíssimo, o Temer ainda cuidou de fazer um agrado ao Trump, deslocando-se, em pleno carnaval, para Roraima, para ameaçar a Venezuela com também uma intervençãozinha militar. Lembrem-se

de que, ao mesmo tempo que Temer anunciava o reforço militar de nossas fronteiras, a Colômbia também fazia o mesmo, do outro lado?

Claudio Dantas

<https://www.oantagonista.com/tv/claudio-dantas/momento-antagonista-intervencao-de-temer-e-um-estopim/>

J M Ribeiro

Fruto da imensa demagogia do governo golpista e da enorme incompetência do governo do estado do Rio de Janeiro, tudo calculado milimetricamente para tentar salvar as aparências e obter o que eles chamam de "dividendos políticos", está sendo decretada a intervenção federal na área de segurança do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que:

- Visa principalmente tapar o sol com a peneira, que o governo golpista não conseguiu votos suficientes para aprovar sua maldita e imposta "reforma da previdência".
- Ajuda a jogar para debaixo do tapete a infeliz declaração do chefe da PF nomeado pelo vampiro, sobre a operação que o investiga sobre os portos.
- Ao contrário do que se pensa o estado do Rio de Janeiro e sua capital estão longe de serem os locais mais violentos do país, o estado em assassinatos por 100 mil habitantes está em 16º lugar entre as entidades da federação.

- A cidade muito menos:

Taxa de assassinatos nas capitais por 100 mil habitantes

Natal - 78,4
Fortaleza - 63,7
São Luís - 60,9
João Pessoa - 59,4
Aracaju - 56,3
Belém - 53,6
Manaus - 52,8
Maceió - 51,3
Salvador - 49,4
Porto Alegre - 46,2
Cuiabá - 42,9
Teresina - 42,5
Goiânia - 41,0
Palmas - 36,3
Recife - 35,3
Macapá - 33,1
[Rio Branco - 32,9](#)
[Porto Velho - 32,8](#)
[Curitiba - 26,0](#)

Belo Horizonte - 24,9
Brasília - 23,4
Vitória - 21,6
Rio de Janeiro 19,4
Boa Vista - 18,4
Campo Grande - 16,3
Florianópolis - 12,3
São Paulo - 9,9

Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública (dados de 2015)

- Arrastões e o que o vampiro chama de crime organizado, não são concentradas no Rio de Janeiro, estão espalhados por quase todo país, fruto de uma exclusão gigantesca que esse governo impostor bem representa, da falta de empatia e solidariedade das classes privilegiadas com seu próprio povo.
- Chama a atenção que o tom do discurso do "capitão do golpe" foi decidido em reunião com o Angorá e com o marqueteiro do Planalto.
- No discurso de assinatura do decreto, o próprio vampiro cometeu o ato falho ao dizer que suspenderá a intervenção logo que for possível fazer (aprovar a deforma?) a votação.
- Incrível a cara de pau do fantoche e incompetentíssimo Pezão em não pedir demissão imediata.
 - Transmitir de forma insessante arrastões e tiroteios entre marginais e/ou polícia atuando sem a menor competência na TV é excelente para criar um clima de terror favorável a demagogos.
 - Essa intervenção tem tudo para não dar certo.

Intervenção no Rio não alcança raiz da violência

Milton Saldanha, jornalista

A intervenção federal na segurança do Rio de Janeiro lembra o pai que tranca o filho delinqüente em casa, para não aprontar, e quando solta, porque não poderá prender sempre, o moleque volta a delinqüir.

Tudo porque não recebeu a educação adequada desde o berço. Ou, se recebeu, por sua má índole o moleque tem a vocação do banditismo.

A intervenção tem data de validade, 31 de dezembro.

Poderá ter alguns resultados pontuais, forçando o crime a recuar temporariamente, mas não vai acabar com o crime organizado porque não alcança sua raiz, com ramificações amplas, que contaminam a estrutura do Estado, onde se inserem as polícias civil e militar e os chamados poderes constituídos.

Em outras palavras, a intervenção atua sobre a superfície, rende boas fotos de tanques nas ruas, mas não mergulha nas entranhas do crime organizado. Mesmo que este se esconda por algum tempo, e tem gorduras para isso, não estará sepultado.

É uma "solução" de caráter eleitoral. Vencido o prazo, o que se pode esperar é a volta do Rio ao "normal", ou seja, o anormal.

Supondo, aqui, que a intervenção tenha realmente algum resultado, ainda que temporário.

Paulo Timm

I

CRIME ORGANIZADO . Definição

Crime organizado

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

Crime organizado ou **organização criminosa** são termos que caracterizam grupos transnacionais, nacionais ou locais altamente centralizados e geridos por **criminosos**, que pretendem se envolver em atividades ilegais, geralmente com o objetivo de **lucro** monetário. Algumas organizações criminosas, tais como **organizações terroristas**, são motivadas politicamente. Às vezes, essas organizações forçam as pessoas a estabelecer negócios com elas, como quando uma **quadrilha extorque** dinheiro de comerciantes por "proteção".^[1]

Outros tipos de organizações — incluindo **Estados**, **militares**, forças policiais e empresas — podem, por vezes, usar métodos do crime organizado para alcançar seus interesses, mas seus poderes derivam de sua condição de **instituições sociais formais**. Há uma tendência para distinguir o crime organizado de outras formas de **crimes**, como crimes financeiros, **políticos**, **de guerra**, governamentais, entre outros. Esta distinção nem sempre é evidente e ainda há debate acadêmico sobre o assunto.^[2] Por exemplo, em **Estados falidos**, que não podem mais realizar funções sociais básicas, como infraestrutura, educação ou segurança — geralmente devido a grupos rebeldes ou **extrema pobreza** — o crime organizado, a governança e a guerra são muitas vezes fatores complementares entre si. O termo "mafocracia parlamentar" é muitas vezes atribuído a países **democráticos** cujas instituições políticas, sociais e econômicas estão sob o controle de poucas famílias e/ou **oligarquias** empresariais.^[3]

Nos **Estados Unidos**, a Lei de Controle do Crime Organizado (1970) define o crime organizado como "atividades ilegais de [...] uma associação altamente organizada e disciplinada [...]".^[4] No **Reino Unido**, a polícia estima que o crime organizado envolva até 38 mil pessoas que operam em mais de seis mil grupos.^[5] Além disso, devido à escalada de violência da guerra contra o narcotráfico no México, os **cartéis** locais são considerados a "maior ameaça do crime organizado para os Estados Unidos", de acordo com um relatório divulgado pelo **Departamento de Justiça** norte-americano.^[6] No **Brasil**, a maior organização criminosa é o **Primeiro Comando da Capital (PCC)**, que atua principalmente no estado de **São Paulo**.^[7]

https://pt.wikipedia.org/wiki/Crime_organizado

Informe, quem puder, as autoridades da Republica:

Crime Organizado

Lucas

Oliveira

Graduado em Sociologia .

<http://brasilecola.uol.com.br/sociolo.../crime-organizado.htm>

“A definição literal de crime é a de todo comportamento desviante que quebre ou infrinja o código de leis escritas vigentes de uma nação. Comumente no referimos às ações cometidas por um ou um pequeno grupo de indivíduos, com pouca ou nenhuma preparação, aproveitando-se de um momento específico e tendo em vista um proveito imediato e, geralmente, em pequena escala.

No entanto, podemos observar a existência organizações e grupos que se estabelecem na prática do crime com tamanho preparo e maestria que, em alguns casos, conseguem se passar por organizações legítimas. Esses são os grupos dedicados a atividades criminosas que integram a categoria de “crime organizado”. Desses, o exemplo mais utilizado ao nos referirmos a esse tipo de crime é o do tráfico de drogas, contudo não é o único. Atividades como o jogo ilegal, mercado de contrabando e roubos em larga escala são todas atividades criminosas que requerem grande preparação e cooperação das pessoas envolvidas para que possam se estabelecer; e essa é a principal característica do crime organizado: a cooperação sistemática entre as partes envolvidas.

O exemplo clássico de um grupo organizado voltado para a prática de atividades ilegais é a famosa máfia italiana, que esteve ativa entre os anos de 1930 e 1960. O grupo criminoso era formado por famílias de imigrantes italianos que chegavam aos Estados Unidos e que já tinham, anteriormente, a ideia de grupo “familiar” formada. Um dos grupos mais famosos se denominam “Cosa nostra”, que ainda existe e atua no mundo criminoso dos Estados Unidos.

A violência está intimamente ligada ao mundo do crime organizado, sendo uma das ferramentas utilizadas para a manutenção de sua existência. A cooperação de órgãos institucionais, seja pela omissão ou pela corrupção, também é um fator determinante.

É parte do senso comum relacionar o crime e a sua incidência à realidade econômica e ao nível educacional de uma região ou de um indivíduo. Entretanto, muito embora estejam relacionados e possam se tornar um dos agravantes da incidência de atos criminosos em uma região, não são fatores determinantes. Os chamados “crimes de colarinho branco” são geralmente cometidos por indivíduos altamente especializados com alto nível de educação formal. Possuem contato direto com meios ou pessoas influentes nos cenários políticos e econômicos, e por isso conseguem manipular regras institucionais em benefício próprio.

A lavagem de dinheiro é uma das atividades mais comuns dentro do mundo do crime organizado

A “lavagem de dinheiro” é uma das principais atividades ligadas ao crime organizado. Ela consiste na troca do dinheiro “sujo” obtido por meio do crime, por investimentos em fontes de renda “limpa” e legais. Ou seja, o dinheiro obtido ilegalmente é usado em investimentos legais, de forma que o grupo criminoso continua obtendo rendimentos com o dinheiro “sujo”, mas sem os riscos ligados ao crime.”

O cinismo e suas bandeiras

Publicado em: Fevereiro 8, 2018 - <https://www.sul21.com.br/colunas/marcos-rolim/2018/02/o-cinismo-e-suas-bandeiras/>



Marun: “País fez opção pelo combate à corrupção, no lugar de combater bandidos”. (Foto: Valter Campanato/Agência Brasil)

Marcos Rolim (*)

Há momentos em que os políticos condensam suas visões de mundo e estratégias em frases inadvertidas. São declarações reveladoras que, por descuido ou despreparo, se libertam dos diques discursivos, revelando sordidez. Lembrem do áudio da Lava Jato, com diálogo de março de 2016, com o atual líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RO)? Ele foi gravado pelo ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, e sintetizou a racionalidade que passava a imperar no Poder. Referindo-se à Lava Jato, Jucá afirmou: -“Tem que mudar o governo (de Dilma) pra poder estancar essa sangria”. No diálogo que se seguiu, eles concluem que a solução mais fácil seria “botar o Michel num grande acordo nacional”, “com o Supremo, com tudo”. Daí, “parava tudo, delimitava onde está, pronto”. Claríssimo. Com esse objetivo, “botaram o Michel”. O resto é conversa para entreter a galera. Jucá foi líder do governo Dilma no Senado. Antes, havia sido ministro da Previdência Social no governo Lula e ocupado posições de destaque nos governos Sarney, Collor e Fernando Henrique. Estamos, enfim, diante de um político “muito capaz”, entenda-se: capaz de tudo.

Pois bem, na terça-feira (6), o ministro da Secretaria de Governo, Carlos Marun, palestrou em evento da Associação Brasileira da Atividade de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig), expondo opiniões sobre Segurança Pública. Na oportunidade, disse textualmente que “o País, nos últimos anos, fez uma opção pelo combate à corrupção, no lugar de combater bandidos, essa é a realidade” (assista em: <https://goo.gl/wcy8uU>). Segundo a “análise” do ministro, as fações criminais ligadas ao tráfico de drogas se impuseram, porque o Brasil resolveu prender políticos corruptos. Sabe-se, assim, que, para o ilustre

escudeiro de Eduardo Cunha e Michel Temer, a palavra “bandido” não se aplica a corruptos. Mais claro que isso, nem desenhando. O ministro sentiu-se à vontade para esboçar essa mirabolante conclusão, porque ela reflete um determinado senso comum que transita com naturalidade nos ambientes políticos brasileiros e não só na direita. O fez, também, porque, politicamente, a agenda do governo segue orientada pelo objetivo de “interromper a sangria” da Lava Jato e costurar o que deverá ser um amplo acordo pós-Temer. Nesse projeto, anatem, golpistas e golpeados confraternizarão no STF sob a liderança de Gilmar, o destemido.

A relativização da corrupção já tem também o seu ideólogo. Ele se chama Jessé Souza, autor de “A Elite do Atraso” (Leya, 2017, 239 pág.). Para ele, o conceito de patrimonialismo, empregado por Sérgio Buarque de Holanda (proposto originalmente por Weber), seria “o mais influente e o mais fajuto de todo o pensamento social brasileiro”. Essa contribuição teria, posteriormente, servido a Raymundo Faoro e a todos os pensadores de prestígio desde então (Fernando Henrique, Roberto DaMatta, etc), cada qual mergulhado em erro vil e a serviço do capital (sim, os que pensam diferente de Jessé são, “objetivamente”, serviços da burguesia). Autoproclamado o único pensador a ter compreendido o Brasil, Jessé sustenta que identificar a presença histórica de uma elite de ladrões no Estado, teria tornado invisível a “verdadeira elite de rapina que se encontra no mercado”. O raciocínio é primário. Os negócios fechados pelas grandes corporações, os lucros extraordinários obtidos pelos donos do capital, o rentismo alimentado pela política de juros, constituiriam tudo o que realmente importa. A dívida pública, repete Jessé, é a “verdadeira corrupção”. A corrupção havida na Petrobrás, no BNDES, e em tantos outros ramos do Estado seria, por consequência, uma corrupção falsa, devemos concluir? Sim, evidentemente, já que aquilo que ouvimos e assistimos a respeito da corrupção política no Brasil seria uma “armação midiática”, com a Globo à frente, para atender os interesses do...(adivinhem)...“imperialismo norteamericano”. Original, não? (aviso, porque não há como pedir o dinheiro do livro de volta).

Penso, pelo contrário – com o consolo de estar em melhor companhia sociológica – que não se compreenderá a afirmação do rentismo no Brasil e a promoção do capitalismo parasitário que herdamos sem destacar a dinâmica de corrupção das elites políticas brasileiras, a mesma dinâmica que, de tão pujante, engolfou parte expressiva da esquerda, desmoralizando-a. O patrimonialismo é, nesse particular, um conceito que ajuda muito a situar o modus operandi dos “Donos do Poder”, sem o que os interesses bilionários das grandes corporações não se reproduziriam em cada Medida Provisória, em cada Refis, em cada licitação arranjada, em cada benefício fiscal e em tantas emendas parlamentares. Ignorar esse fenômeno, reduzir sua importância ou relativizá-lo é apenas mais uma lamentável contribuição que se oferece à social-confusão, ao descritério moral expresso na tradição do “rouba mas faz” e ao infinito cinismo com o qual alguns passaram a tecer suas bandeiras.

() Doutor e mestre em Sociologia e jornalista. Presidente do Instituto Cidade Segura. Autor, entre outros, de “A Formação de Jovens Violentos: estudo sobre a etiologia da violência extrema” (Appris, 2016).*

As opiniões emitidas nas matérias de opinião assinadas expressam a posição de seu autor e não necessariamente representam o pensamento do Sul21.

Ao intervir no Rio, Temer pula dentro do incêndio

<https://josiasdesouza.blogosfera.uol.com.br/2018/02/16/ao-intervir-no-rio-temer-pula-dentro-do-incendio/>



Decreto de intervenção federal no Rio de Janeiro é inconstitucional

<http://justificando.cartacapital.com.br/2018/02/16/decreto-de-intervencao-federal-no-rio-de-janeiro-e-inconstitucional/>



Eloísa Machado de Almeida Coordenadora da FGV Direito

Sexta-feira, 16 de Fevereiro de 2018

Intervenção federal é uma medida excepcional, prevista na Constituição, onde se flexibiliza a autonomia federativa para permitir a substituição de autoridade estadual pela federal. Por ser medida excepcional, a Constituição determina que o Decreto de intervenção deve informar sua amplitude, razões e tempo de duração; isto é, a intervenção só permanece enquanto perdurarem as razões de sua decretação.

É uma bomba no nosso sistema federativo, remédio forte para altíssimo grau de desfuncionalidade institucional.

É a primeira vez que se decreta uma intervenção federal; não há exemplos a seguir, modelos que funcionaram ou erraram. Mas há a Constituição. E, pelos parâmetros constitucionais, o Decreto de intervenção é **inconstitucional**.

Não duvido que possam existir razões para a intervenção no Rio de Janeiro, mas o que se sabe da intervenção federal decretada pelo Presidente Michel Temer é muito pouco. Não há transparência nas razões que a justificam, o que prejudica a compreensão sobre quando a mesma deverá ser revogada.

Adotar uma medida tão grave com pouca informação, pode gerar ainda mais instabilidade. Além disso, o Decreto diz, no parágrafo único do artigo 1º, “o cargo de Interventor é de natureza militar”. Natureza militar, ou seja, integrado e condizente com o regime das Forças Armadas, inclusive a jurisdição militar para todos os eventuais crimes cometidos durante o período de intervenção. Isso é inconstitucional.

A intervenção federal permite a substituição da autoridade política estadual pela federal, mas não a substituição da autoridade política civil por uma militar. O interventor adotará atos de governo e, por isso, a natureza do cargo é civil, ou seja, o interventor pode até ser militar, mas este ocupa temporariamente um cargo de natureza civil.

Por fim, sem entrar em detalhes sobre as razões para essa medida tão grave (até porque elas não são públicas), a intervenção federal em matéria de segurança permitiria a atuação das polícias federais para atuação no Rio. O uso de Forças Armadas em segurança pública (além de ser bastante problemática) necessitaria, por ordem constitucional, de autorização específica. Afinal, não se trata de intervenção militar. Não?

Eloísa Machado de Almeida é Professora Doutora de Direito Constitucional na FGV Direito SP.